

Sociedade em Tumulto

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MARIA CARMEN DE FRIAS E GOUVEIA

Universidade de Coimbra/CELGA

## REFLEXOS DO PORTUGUÊS ANTIGO NA LINGUAGEM POPULAR E REGIONAL: O GÉNERO GRAMATICAL\*

### RESUMO

Este artigo enfatiza a conservação de antigos usos do género gramatical no Português popular e em dialectos regionais. Sublinha também a importância de estudar este tipo de linguagem de modo a perceber as alterações linguísticas.

A análise foi feita através da observação de usos reais não standardizados, da investigação de “corpora” escritos, de materiais dialectais e estudos linguísticos, de textos de vários períodos na história do Português, de dicionários e outros elementos. A tradição e a inovação no que se refere aos usos do género gramatical são também discutidas antes da apresentação de conclusões.

**Palavras-chave:** Género gramatical; Português; Português antigo; Linguagem popular e regional.

---

\* Uma primeira versão deste texto foi publicada com o título “Algumas observações sobre a linguagem popular e regional no que se refere à categoria de género. Reflexos do género gramatical do português antigo na linguagem popular” em *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Vol. II: *Morfologia e sintassi delle lingue romanze*. (Tübingen, Max Niemeyer Verlag 1998) 339-349.

Em virtude de o texto atrás referido conter erros a que sou alheia, por nunca me terem sido facultadas provas editoriais para correcção, e volvidos já catorze anos sobre a data em que foi escrito, optei pela sua republicação, agora devidamente corrigido, desenvolvido e actualizado.

Nesta abordagem entende-se por «linguagem popular» aquela que é actualizada por falantes de nível sócio-cultural mais baixo, com pouca (ou nenhuma) escolarização, no dia a dia, em todas as situações comunicativas. Inclui a «linguagem regional», ou seja, a linguagem específica de cada região, na medida em que há aspectos particulares e típicos de uma determinada zona, menos comuns ou desconhecidos noutras.

## ABSTRACT

This article emphasizes the maintenance of old uses of grammatical gender in Portuguese popular and regional dialects and also underlines the importance of studying this type of language in order to understand language change.

The analysis was based on observation of actual non-standard uses, as well as on research on written “corpora” that include dialectal materials and linguistic studies, texts from several periods of the history of Portuguese, dictionaries, and so on.

Tradition and innovation in what concerns grammatical gender uses are also discussed before conclusions are presented.

**Keywords:** grammatical gender, Portuguese, ancient Portuguese, popular and regional language.

## 1. Introdução

O investigador que realiza estudos de linguística histórica muito tem a ganhar em considerar e conhecer a linguagem popular e regional do espaço linguístico e geográfico a que se dedica. Com efeito, já na década de setenta do século passado, Manuel de Paiva Boléo observava a este propósito que o seu estudo «(...) nos dá a solução de muitos problemas de natureza etimológica, ajuda a aprofundar o estudo histórico da língua (...)»<sup>2</sup>. E, noutro trabalho, afirma que «para renovar o estudo da história da língua portuguesa torna-se (...) indispensável (...) obter uma visão, tão pormenorizada quanto possível, dos nossos dialectos e falares (...)»<sup>3</sup>.

Aliás, acrescentava ainda o mesmo Professor<sup>4</sup> que sem esse conhecimento «o próprio estudo histórico da língua é falseado, por incompleto». E assim é, com efeito, apesar de algumas pessoas, menos esclarecidas, pensarem ainda que é inútil estudar a linguagem popular e regional, que consideram «incorrecta», «deturpada», umas vezes «cómi-

---

<sup>2</sup> Manuel de Paiva BOLÉO, *O interesse científico da linguagem popular*. In: *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I: *Dialectologia e história da língua*. (Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis 1974) 47-93. A citação encontra-se na p. 54.

<sup>3</sup> “O estudo dos falares portugueses, antigos e modernos, e sua contribuição para a história da língua”. *Ibidem.*, p. 289-307, mais especificamente p. 292.

<sup>4</sup> M. P. BOLÉO, *O interesse científico da linguagem popular*, atrás citado, p. 53.

ca», muitas outras «aberrante». O certo é, no entanto, que ela se mantém ainda como um importante «reservatório linguístico» de fases mais recuadas da língua, como evidenciam a conservação do género antigo de alguns vocábulos ou a manutenção da tendência (por vezes inovadora), por parte dos falantes, de — no desconhecimento do verdadeiro género da palavra — seguir a terminação do vocábulo (tradicionalmente -o para o masculino, -a para o feminino), aspecto que está patente desde cedo na língua. Lembre-se, a propósito, que parece ter sido a analogia da terminação que converteu o antigo neutro singular em masculino (CAELUM, céu ou ŌUUM, ovo, entre outros) e os neutros do plural em femininos (ARMA, arma; FOLIA, folha; FRUCTA, fruta ou LIGNA, lenha). É, aliás, este facto que justifica a passagem, em curso na língua portuguesa, de *grama* a feminino, quando se esperaria o masculino etimológico, ou de *aluvião* a masculino, como notei em trabalho anterior<sup>5</sup>.

O Português popular e regional apresenta ainda outras tendências, menos comuns na língua antiga, como sejam o facto de reforçar, com alteração de forma, o género da palavra, modificá-lo por razões várias, com o intuito de fazer qualquer distinção semântica, ou meramente por razões psicológicas ou expressivas, etc., como analisaremos adiante.

Deste modo, um estudo histórico da categoria de género na língua portuguesa ficaria incompleto se não se tivessem em consideração alguns aspectos da linguagem popular e regional. Isto porque, devido a múltiplos factores, como sejam o isolamento a que, durante muitos anos, estiveram sujeitas certas regiões de Portugal, devido ainda ao baixo nível sociocultural que caracteriza esses falantes e, inclusivamente, ao elevado nível etário dos mesmos<sup>6</sup> que, como é natural, pressupõe a manutenção de expressões ou formas mais antigas, a linguagem popular é um verdadeiro testemunho vivo de fases mais arcaicas da língua, conservando em «frases feitas», rimas, histórias populares, tradições orais adquiridas de antepassados, etc., aspectos da língua que, estando totalmente banidos da norma culta portuguesa, são, no entanto, ainda actualizados nessa linguagem popular e regional.

Os meios de comunicação social, como a Televisão, Rádio, Imprensa — mais recentemente a Internet — ou até a própria Escola, só

---

<sup>5</sup> “O género gramatical do português: da teoria à prática. Análise da atribuição de género por alunos do 1º Ciclo Universitário”. In: *Biblos*, VI (II série): *Ciências e / nas Artes* (Coimbra, FLUC 2008) 221-250: p. 246.

<sup>6</sup> Cada vez mais as camadas jovens procuram os grandes centros urbanos, atraídos por uma maior oferta de trabalho ou com o intuito de prosseguir os estudos.

pouco a pouco foram chegando a todas as regiões de Portugal, pelo que, sem escolaridade, os falantes foram adquirindo a língua tendo como base uma variedade mais arcaizante, como facilmente se poderá compreender. Daí o conservadorismo ser uma marca importante deste tipo de linguagem.

A zona Norte (e especialmente o Noroeste) revela-se, como o demonstram os exemplos apresentados (não obstante poderem surgir elementos mais antigos noutras regiões), ainda hoje, como a zona conservadora por excelência do território. Deve-se este facto à população estável que sempre teve, muito apegada à terra, aí bastante fértil, permitindo, com a permanência dos falantes, a sobrevivência de factos linguísticos de períodos mais recuados. Esta situação vê-se agora ameaçada pela saída, cada vez mais frequente, de muitos jovens para zonas mais industrializadas ou para o estrangeiro, como acontece também no interior e no Nordeste trasmontano. Por outro lado, a zona Noroeste (e Norte em geral) teve sempre uma relativa autonomia, como a História justifica, que lhe advém de múltiplos factores, tais como as vias de entrada e o estabelecimento das primeiras correntes romanizadoras da Hispânia, as consequentes divisões administrativas desse território que contribuíram para o acentuar dessa autonomia, as invasões germânicas e árabes, o modo como se processou a Reconquista Cristã, etc., aspecto que, aliado à longa permanência das populações nessa zona, explica essa manifesta preferência por particularidades mais arcaicas da língua, ainda observáveis nos nossos dias.

Grande parte dos dados da linguagem popular e regional analisados neste trabalho, relativos aos últimos cerca de sessenta e cinco anos, foram recolhidos entre 1942 e 1974<sup>7</sup>, pelo que, nalguns casos, podem não ter já grande vitalidade nos nossos dias, época em que os meios de comunicação social chegam facilmente a todo o país, levando consigo a norma linguística. De qualquer modo, são sempre elucidativos de como este tipo de linguagem pode representar fases anteriores da língua.

<sup>7</sup> O material analisado teve como fontes principais os materiais do ILB (Inquérito Linguístico Boléo), organizado pelo mesmo Professor, e a totalidade dos seus mais de 3000 inquéritos e cerca de 780 relatórios – disponíveis para consulta no Instituto de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – bem como as teses de licenciatura de carácter dialectológico apresentadas à Faculdade de Letras da mesma Universidade.

Outros, porém, são ainda observáveis no dia a dia (por exemplo, *essa* sem realização da metafonía<sup>8</sup>, que adiante se considera, ou de *vitimo*, *alfácia*, etc.) ou recolhidos em registos recentes de falares locais. Os exemplos do Português antigo foram obtidos através de uma minuciosa análise de vários textos de épocas pretéritas, em gramáticas históricas, glossários, estudos linguísticos de textos e dicionários etimológicos. É da comparação entre estes diversos tipos de materiais que se tecem as conclusões que se apresentam, e que ajudam a compreender o porquê de algumas evoluções que a categoria de género sofreu até à actualidade.

Os materiais apresentados neste trabalho foram estudados tendo em conta o modo como constituem possíveis sobrevivências de fases mais antigas da língua, completando-se essa explicação, em muitos casos, com exemplos recolhidos em documentos antigos, de modo a evidenciar como a linguagem popular pode ser reflexo de épocas passadas.

Dedica-se ainda um sub-capítulo ao problema de esclarecer quando um fenómeno verificado na linguagem popular pode ser devido a herança da língua antiga ou se, por outro lado, pode constituir uma inovação.

## 2. Análise dos materiais

### 2.1. Sobrevivências de fases mais antigas da língua

#### a) Conservação de formas arcaicas

Após uma cuidada análise de materiais sobre o género na linguagem popular e regional das últimas seis décadas, podemos considerar como eventuais aspectos conservadores de fases mais antigas da língua a

---

<sup>8</sup> Entende-se por metafonía um processo de tipo assimilatório, em que a alteração de timbre da vogal da sílaba tónica de um vocábulo é originada pela vogal final. No que respeita aos substantivos e adjectivos, conforme se trate da vogal -a ou -u, vai ocasionar-se, respectivamente, uma abertura ou um fechamento do timbre dessa vogal tónica. Por exemplo, em FORMÖSU- e FORMÖSA-, a metafonía ocorreu na forma do feminino, motivada pela vogal final -a, criando uma alternância vocálica com a forma do masculino, que manteve o timbre etimológico. Cronologicamente, parece estar já consumada no século XVI, enquanto o processo metafónico por -u já o estaria em finais do século XIII, inícios de XIV. (Existe ainda um terceiro processo, originado pela vogal final -i, historicamente proveniente de /ĩ/, que ocasiona um fechamento da vogal tónica, afectando exclusivamente formas verbais, mas que — como é óbvio — não produz efeitos no que ao tema do género diz respeito).

sobrevivência das seguintes formas arcaicas: *abóa* (registada ainda em 1967, em Trás-os-Montes<sup>9</sup> e *párvoa* (Alentejo, Estremoz) e *soa* (Santa Valha, concelho de Valpaços, Vila Real<sup>10</sup>, registada em 1948).

A primeira forma, com o sentido de «avó», deriva do Latim AUIŎLA-, depois «auo-la», que origina a palavra *avó*<sup>11</sup>, já registada no século XIII, nas *Cantigas de Santa Maria* («E sa avoa y era, filia del Rei d' Ingraterra», 221.20<sup>12</sup>) e que continua a subsistir na linguagem popular e na norma da língua galega.

Por sua vez, *párvoa* deriva de um diminutivo feminino de «parvus», PARUŎLA, que se documenta ainda no século XVI com a forma idêntica à do português popular: «Guarde-vos Deos de *molher parvoa*, que nam ha quem ha meta a caminho» (Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Comédia Eufrosina*, p. 28<sup>13</sup>).

De SOLA, deriva a forma *soa*, que se regista, por exemplo, n' *A demanda do Santo Graal*: «achou ii ãa donzela *soa*» (361, p. 270<sup>14</sup>).

<sup>9</sup> Cf. Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XII (tomo II), XIII e XIV. (Coimbra 1967) 368.

<sup>10</sup> Odília de Jesus FREITAS, *O falar de Santa Valha*. Dissertação de licenciatura (inédita). (Coimbra 1948) 34.

<sup>11</sup> Uma reconhecida inovação do galego-português foi a perda da consoante lateral alveolar (e também da nasal alveolar) em posição intervocálica. Este facto explica a sua síncope nos vocábulos em análise.

<sup>12</sup> Afonso X, o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*. Editadas por Walter METTMANN. (Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis 1959, 1961, 1964 e 1972). Vol. IV: Glossário. Cf. também Maria Carmen de Castro Duarte de Frias e GOUVEIA, *Um aspecto de morfologia histórica: o género gramatical dos substantivos e adjectivos em português*. Trabalho de síntese (inédito) apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e de Capacidade Científica. (Coimbra 1993) 69-70. No capítulo 2 apresenta-se toda a evolução que o género sofreu desde o Latim ao Português actual, tendo este capítulo dado lugar à elaboração de dois outros textos, a saber: “Considerações sobre a categoria gramatical de género. Sua evolução do latim ao português arcaico”. In: *Biblos*. vol. II (2ª série): *Ocidente. Oriente*. (Coimbra 2004) 443-475 e “A categoria gramatical de género do Português antigo ao Português actual”. In: *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, (Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto 2005) vol. 2: 527-544.

<sup>13</sup> *Apud* José Pedro MACHADO, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 4ª edição. (Lisboa, Livros Horizonte 1987) s.u «párvoa».

<sup>14</sup> Edição de Irene Freire NUNES (Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1995). A citação encontra-se também em Augusto MAGNE, *A demanda do Santo Graal*. Edição

Em virtude de estas formas serem utilizadas por falantes muito idosos, estão condenadas ao desaparecimento.

**b) Diferenças face à norma da língua em substantivos uniformes**

Também é possível entender como arcaizante a diferença de género (relativamente à norma) de alguns vocábulos.

Regista-se, por exemplo, *o diocese*, que era feminino em Latim, tal como na norma culta portuguesa. Documenta-se como masculino no século XV e surge como tal ainda em Castanheira, distrito de Aveiro, em 1968<sup>15</sup>.

Relativamente a *fim*, era uma palavra ambígua quanto ao género em Latim (FINIS, -IS), oscilou entre masculino e feminino na época arcaica, no séc. XVI e até posteriormente, sendo geral o seu emprego como feminina, essencialmente em expressões do tipo «a fim do mundo» (frequentes no Norte e Centro do país e ainda nos distritos de Castelo Branco, Beja, Faro e até nos Açores).

Também na língua antiga a forma era feminina: “Digna cousa he que os homeês inicos e cruees façam maa fim”, *Fabulário*, 31<sup>16</sup>). Não esqueçamos que as frases ou expressões feitas conservam por mais tempo a sua feição mais conservadora, o que justifica a manutenção geral da já mencionada expressão «a fim do mundo».

Outro caso é *um arbe* (a árvore), de ARBOR, -IS. Geralmente feminino em Latim e no século XIII, sofreu hesitação de género a partir desse século, embora se registre ainda o masculino no século XVI: «...dizemos (...) *este árvore*», como refere Duarte Nunes de Leão em *Origens da língua portuguesa*, cap. VII: «Corrupção por mudança de género», p. 224<sup>17</sup>. O feminino fixa-se de forma definitiva somente após essa data. Surge, contudo, em S. Veríssimo de Tamel, Barcelos, distrito de Braga, ainda em 1970<sup>18</sup>.

---

crítica. (Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro 1944). 3º volume: Glossário, s.u. «SOO».

<sup>15</sup> Cf. o relatório de Sofia Maria Van Krieken FALCÃO.

<sup>16</sup> *Apud* Joseph HUBER, *Gramática do português antigo*. Trad. do original alemão. (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian 1986) 292.

<sup>17</sup> Duarte Nunes de LEÃO, *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão BUESCU. (Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda 1983).

<sup>18</sup> Relatório do inquérito linguístico realizado em Castanheira, Albergaria das Cabras, Arouce, Aveiro, por António Joaquim Vasconcelos QUARESMA, 1968, p. 72.



Forma arcaizante poderá também ser *as rins* (no distrito do Porto, Vila do Conde e Lavra, concelho de Matosinhos<sup>19</sup>). A origem de *os rins* está no plural masculino latino RENES, -UM, que após o século XVI retoma o género etimológico, depois de ter sofrido alguma hesitação. Documenta-se como feminino, por exemplo, na seguinte passagem extraída da *Regra de S. Bento*<sup>20</sup>: «Demostra a nós aquesto o propheta como das nossas cuidações assi Deus senpre presente demostra dizente: Scrudante os corações, e *as reës* Deus», do século XIII. Para alguns autores<sup>21</sup>, o uso de *as rins* e suas variantes *rens* e *reins*, pode dever-se à omissão de «região» por uma relação de contiguidade, mas poderá, eventualmente, ser ainda uma sobrevivência de um período mais antigo da língua portuguesa.

*Suor*, por sua vez, emprega-se como feminino, na linguagem popular, nalgumas localidades dos distritos de Castelo Branco, Coimbra e Leiria<sup>22</sup>, como no período mais antigo da língua, fixando-se somente o género actual (o etimológico) a partir do século XV e após um período de oscilação de género. Com efeito, os abstractos em -ÖREM, masculinos em Latim, variaram posteriormente, podendo hoje ser masculinos (como *sabor* e *calor*) ou femininos (como *dor* e *cor*).

Em Português antigo *sabor* e *suor* eram do género feminino, o que explica a sua utilização como tal na linguagem popular: «ssa suor» (Afonso X, *Primeyra Partida*, VII, 235<sup>23</sup>). Ainda no século XV se encontra o género feminino: «depois que ouverõ suas caras alimpadas

<sup>19</sup> Relatórios dos inquéritos linguísticos realizados em Lavra, Matosinhos, Porto, por Clarinda de Azevedo MAIA, 1960, p. 50, ou ainda em Torre, S. Cosme do Vale, Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga, por José Ribeiro da COSTA, 1970, entre outros.

<sup>20</sup> Citado por J. P. MACHADO, *op. cit.*, s.u. «rim».

<sup>21</sup> João Antunes LOPES, *O género na linguagem popular e regional*. (Coimbra 1970) 77.

<sup>22</sup> Cf. os relatórios dos inquéritos linguísticos realizados em Casal de Cima, Alvares, Góis, Coimbra, por Maria de Lourdes RODRIGUES, 1956, e Charneca de Pessegueiro, Pousaflores, Ansião, Leiria, por Isabel Maria Afonso dos Santos PAZ, 1970, p. 130, e o trabalho de José Maria FÊLIX, *Vila de Rei e o seu concelho. Apontamentos para a sua história*. (Vila Nova de Famalicão 1969) cap. XXIII, pgf. 39, p. 549-550, entre outros.

<sup>23</sup> Edição de José Azevedo FERREIRA. (Braga, Instituto Nacional de Investigação Científica 1980).

do poo e da suor» (*Crónica Geral de Espanha de 1344*, vol. III, cap. CCCLXXIV, p. 138, linha 12<sup>24</sup>).

Mais duvidoso, porém, será considerar como aspecto arcaizante o facto de, num ou noutro ponto do país, se encontrar o adjetivo *espanhol* como uniforme<sup>25</sup>: «mulher espanhol» e «cereja espanhol», como na língua antiga até os séculos XV e XVI<sup>26</sup>. Ainda André de Resende referia «a boa gente *espanhol*». Este tipo de vocábulos era, como as palavras em -or, uniforme em Português arcaico, o que explica o seu emprego na linguagem popular e regional.

Sobrevivência mais segura de outras épocas é também *o pago*<sup>27</sup>, que coexistia com *a paga* na época antiga.

### c) Adjectivos e substantivos biformes

Algumas palavras em -or formam, desde cedo na língua, por analogia com a terminação -eiro, femininos em -eira: *combersadora* (conversadora) e *combersadeira*, *faladora* e *faladeira*, *semeadora* e *semeadeira*, *trabalhadora* e *trabalhadeira* (muito usado ainda) ou mesmo *rezadeira*, *cantadeira*, *bendedeira* (por vendedora), etc.<sup>28</sup>. Esta dupla terminação era já verificável no século XIII, apesar de -eira surgir mais tardiamente que -ora, a mais comum nos nossos dias para estes casos. São recorrentes nesse século, entre outras, *duradeira* e *sabadeira*: «parayso, que é vida *duradeira*» (*Cantigas de Santa Maria*, 213.104 ou «ca de salvar os seus é senpre mui *sabadeira*» (*Ibidem*, 137.53)<sup>29</sup>.

---

<sup>24</sup> Edição crítica do texto português por Luis F. Lindley CINTRA. (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda 1984).

<sup>25</sup> Para José Pedro MACHADO, *op. cit.* e Antenor NASCENTES, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 2<sup>a</sup> ed. (Rio de Janeiro 1955), o vocábulo tem origem em \*hispaniolu-, diminutivo de HISPANU-, da Hispânia.

<sup>26</sup> Relatório do inquérito linguístico realizado em Quintela de Azurara, Mangualde, Viseu, por Maria Manuela Correia Sequeira OSÓRIO, p. 26-27.

<sup>27</sup> Cf. Evelina VERDELHO, *Linguagem regional e linguagem popular no romance regionalista português*, (Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa 1982).

<sup>28</sup> Ver, por exemplo, o Relatório do inquérito linguístico realizado em Sôza, Vagos, Aveiro, por Emília A. T. BILELO, 1960, p. 41-42; em Ínsua, Penalva do Castelo, distrito de Viseu, por Maria Filomena Albuquerque AMARAL, 1958; ou em Meimão, Penamacor, distrito de Castelo Branco, por Maria Amália Pereira COELHO, 1972, p. 100.

<sup>29</sup> Afonso X, *op. cit.*

As formas *vendedeira*, *cantadeira*, etc. tinham ainda muita vitalidade no século XVI: «mulheres *cantadeiras*» (João de Barros, *Décadas*, II, 6, cap. 6, p. 285<sup>30</sup>)<sup>31</sup>.

Os femininos das palavras em -ão são, a maior parte das vezes, em -oa (tendência que se verifica já em épocas mais antigas e é também referida por Fernão de Oliveira na *Gramática da linguagem portuguesa*, cap. XLI): *aldeoa*, *alemoa*<sup>32</sup>, *anoa*, *comiloa*, *escrivoa*, *ladroa* (e «*laidra*»), *sacristoa*<sup>33</sup>; ou, menos vezes, em -ona (*ladrona*, *tecelona*, *leitona*) ou -ana (*aldeana*, essencialmente em regiões fronteiriças, como se compreende, ou na zona alentejana e algarvia, onde se mantém ainda, em muitos casos, a nasal intervocálica do Latim, fenómeno associado à permanência acentuada de populações moçárabes nessa região).

Na língua arcaica, a terminação -oa parecia ser a mais antiga, embora se encontrassem -ana, -ã e -ona. Por exemplo, as *Cantigas de Santa Maria*, do século XIII, registam *ladroa*, e só no século XVI *ladra* parece fixar-se na língua<sup>34</sup>. Aliás, o Português actual continua a hesitar entre *capitã* e *capitoa* ou *campeã* e *campeona*, embora sejam mais frequentes as primeiras formas<sup>35</sup>.

<sup>30</sup> Também citado por José Pedro MACHADO, *op. cit.*, s.u. «cantadeira» .

<sup>31</sup> Vejam-se os trabalhos de Graça Maria RIO-TORTO, nomeadamente *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Col. Linguística, 12. (Porto, Porto Editora 1998).

<sup>32</sup> Também atestado por Vítor Fernando BARROS, *Dicionário dos falares de Trás-os-Montes* (Porto, Campo das Letras – Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta 2002)

<sup>33</sup> Ver os relatórios dos inquéritos linguísticos realizados em Corgo do Seixo de Baixo, Vagos, distrito de Aveiro, por Maria Isabel V. de Paiva BOLÉO, 1960, p. 37; Lombomeão, Vagos, distrito de Aveiro, por Maria José S. NEVES, 1971; Salina, Bemposta, Mogadouro, distrito de Braga, por Maria Luísa do Vale Peixoto BAPTISTA, 1961-1962, p. 54; Nisa, distrito de Portalegre, por Maria Hortênsia de A. PEREIRA, 1973; Peso, Covilhã, distrito de Castelo Branco, por Maria da Luz Alves PINTO, 1971, p. 52-53; Vila Pouca do Campo, Ameal, distrito de Coimbra, por Maria Vitória Alves CALADO, 1965, p. 71; ou concelho de Câmara de Lobos, Funchal, por José Honório S. GOMES, 1964, entre muitos outros.

<sup>34</sup> José Pedro MACHADO, *op. cit.*, s.u. «ladra».

<sup>35</sup> Consulte-se os dados que obtive no trabalho atrás citado, de 2008.

#### **d) Ausência de metafonía em formas do feminino onde esta existe na norma**

Por último, é interessante verificar que, no português popular, aparecem ainda algumas palavras sem metafonía ocorrida nas formas do feminino, como na língua anterior ao século XVI. Nesse caso estão, por exemplo, *formosa*, *jeitosa*, ou *manhosa*, muito comuns no Norte, e realizadas com a vogal tónica posterior médio-fechada [o], quando na norma se fixou a vogal médio-aberta<sup>36</sup>. *Essa*, por sua vez, com [e] tónico (do Latim *ĪPSA*-) é frequente em Trás-os-Montes e noutras regiões do Norte mesmo em falantes da camada etária dos 50 anos, com baixo grau de escolarização.

De todos estes exemplos, aqueles que parecem ser, com maior certeza, vestígios mais antigos, são *a fim* (já era apontado por Contador de Argote, *Regras da língua portuguesa*, como feminino na região do Minho<sup>37</sup>), a ainda não ocorrência de metafonía nas formas do feminino referidas acima, e os vocábulos *abóa*, *sóa* e *prvoa*<sup>38</sup>.

### **2.2. Conservadorismo ou inovação?**

Por vezes, é um pouco difícil — por paradoxal que possa parecer — detectar com precisão quando um determinado fenómeno constitui uma inovação, uma criação analógica de um grupo de falantes de uma determinada comunidade, ou, pelo contrário, se é apenas um reflexo de fases mais arcaicas da língua utilizada nessa comunidade. Nessa situação estão alguns aspectos estudados, que passam a considerar-se:

#### **a) A terminação ou o início da palavra como indicador de género**

Muito possivelmente, terá sido a terminação do vocábulo que explicou — na época antiga — a alteração do género das palavras *fantasma*, *crisma*, *cometa* ou *planeta*<sup>39</sup>, também visível na linguagem

---

<sup>36</sup> Relatório do Inquérito linguístico realizado em Melgaço, distrito de Viana do Castelo, por Justina de Lemos MOREIRA, 1972, p. 31.

<sup>37</sup> No estudo realizado, notei que esse fenómeno não se circunscreve, de modo nenhum, apenas a essa região.

<sup>38</sup> Em Português medieval, registava-se ainda *diaboa*, como refere José Joaquim NUNES, *Compêndio de gramática histórica da língua portuguesa (Fonética e morfologia)*, 9ª ed. (Lisboa, Clássica Editora 1989) 222, nota 4.

<sup>39</sup> Registam-se, por exemplo, em Ana María Garcia MARTÍN, na *Coronica Troyana em linguagem portuguesa. Edición y estudio*. (Luso-Espanhola de Ediciones

popular e regional. Trata-se de conservadorismo ou inovação? O certo é que estas formas surgiam nos últimos 30-40 anos, muitas vezes, como femininas, ao contrário do que ocorre no Português culto «normal», em várias regiões do país, nomeadamente no Norte e no Centro, sendo uma das ocorrências registada junto da cidade de Coimbra<sup>40</sup>, geral e justificadamente identificada com a norma culta de Portugal<sup>41</sup>.

Em Latim, estas palavras eram de género masculino ou neutro (PHANTASMA, -ATIS, n., COMETA, -AE, m., etc), devendo, portanto, numa evolução natural, passar ao masculino, como ocorreu na norma, mas a verdade é que oscilaram quanto ao género na língua antiga (*planeta* era ainda feminina no século XVI), retomando somente o género etimológico após esse século. Daí a dificuldade em concluir se este fenómeno constitui uma inovação ou um arcaísmo, na medida em que pode tratar-se da subsistência de uma fase mais antiga ou, por outro lado, de uma analogia com palavras femininas de terminação em -a, como ocorre actualmente com *grama*, etimologicamente de género masculino.

Na mesma situação, como em Português antigo, está a atribuição do género feminino aos nomes de rios terminados em -a (*a Côa, a*

---

1998), os seguintes usos: «os grandes sabedores que depois dele vieram do seu nome chamaram a planeta do mais allto firmamento» (6 v, 21-4) e «E dizem as estorias que buscou Jupiter as concordamças dos synos das pranetas» (38 r, 12-14).

<sup>40</sup> Vejam-se os relatórios dos Inquéritos linguísticos realizados em Ribeirais, Antas, Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga, por Ana Maria de CAMPOS, 1965, p. 20; Vila Nova de Anços, Soure, distrito de Coimbra, por Maria Fernanda de Oliveira LEMOS, 1964, p. 30-33; Labruge, Vila do Conde, distrito do Porto, por Albina de Azevedo MAIA, 1965-1966, p. 15; Veiga do Lila, Valpaços, distrito de Vila Real, por Maria Alexandrina Barroso Machado e COSTA, 1968, p. 42; Ferreira do Zêzere, distrito de Santarém, por Gracinda da Conceição Baptista PEREIRA, 1970, entre muitos outros.

<sup>41</sup> Num interessante estudo de Susana CABELEIRA, sobre o modo como os falantes viam as variantes dialectais, a pergunta sobre qual o local onde melhor se fala Português, recebeu os seguintes resultados: 60% dos inquiridos responderam que era Coimbra, 13% a região Centro e outros 13% a região de Lisboa. Na realidade, esta é marcada por particularismos linguísticos que não se encontram na região de Coimbra, muito mais pura a esse respeito, e onde a diferença entre falante culto e não escolarizado é menor que em qualquer outro ponto do País, o que a torna muito mais nivelada. Cf. “Atitudes e preconceitos linguísticos face a variedades dialectais”. In: *Actas do XXI Encontro Nacional da APL* (Porto, 2005). (Lisboa, APL 2006) 245-260.

*Guadiana*<sup>42</sup>, ou a *Tâmega*) ou do masculino a vocábulos cuja terminação sugere esse género: *os filhoses* (filhós<sup>43</sup>).

Outro aspecto interessante é a atribuição de uma terminação de género aos vocábulos que não têm explicitamente -o ou -a finais<sup>44</sup>, alterando a vogal final para a marca «usual» do género que lhe corresponde: *alfácia*<sup>45</sup> ou *alفاça* (alface), *couba* (couve), *fácia* (face), *gripia* ou *gripa* (gripe), *lágia*<sup>46</sup> ou *laja* (lage), *nózias* (nozes), *píbeda* ou *pebida* (pevide), *tempestada* (tempestade), *trabeclosa* (tuberculose), para os femininos; *bailo* (baile), *baldo* (balde), *chifro* (chifre), *cumo* (cume), *estrumo* (estrumo), *estoro* (estore), etc, para os masculinos<sup>47</sup> são

---

<sup>42</sup> Por ex., em Manuela FLORÊNCIO, *Dialecto alentejano: contributo para o seu estudo*, 2ª ed. (Edições Colibri – Centro de Estudos do Alentejo 2005) 61-2

<sup>43</sup> A *filhó*, doce tradicional de Natal, é uma massa de farinha batida com ovos, frita e depois polvilhada com açúcar. Tem na sua origem o Latim FOLIŌLA-, que significava “bolo folhado”, forma essa que constituía um diminutivo de FOLIUM-, “folha”. Assim, a norma mantém o género feminino etimológico.

<sup>44</sup> A tendência para atribuir o género às palavras de acordo com a sua terminação (ou a vogal com que se iniciam) parece verificar-se também em Francês: «A series of studies has demonstrated that native speakers of French do consistently assign gender to rarely occurring real nouns (...), to invented nouns (...), and to nonsense nouns (...) in accordance with the distributional regularities between gender classification and noun ending observed in the language. The results also indicated that the beginning of a noun may have an effect in marking grammatical gender, although probably a less important one» (G.R. TUCKER, W.E. LAMBERT E A.A. RIGAUULT, *The French Speaker's Skill with Grammatical Gender: An Example of Rule-Governed Behavior*. (The Hague-Paris, Mouton 1977) 64. A este propósito, veja-se ainda J. C. CORBEIL, *L'influence du morphème final sur la détermination du genre en français parlé*. Thèse pour l'obtention du grade de Maître en Arts (en linguistique). (Montreal, l'Université de Montreal 1962).

<sup>45</sup> Cf. Vítor Fernando BARROS, *op. cit.*, na zona trasmontana.

<sup>46</sup> Neste caso específico, não é possível apurar definitivamente se se trata de inovação ou conservadorismo de fases antigas. Com efeito, e provindo do latim vulgar local, o vocábulo LAGENA evoluiu, com perda da nasal intervocálica, para *lagã* ou *lagea*. Estas ocorrências são frequentes na língua antiga: «como sse uai a outro cume (...) a ùa lagã por marco» (*D. João de Portel*), *apud* J. P. MACHADO, *op. cit.* Contudo, em 1258 já se encontra *Lage* como topónimo.

<sup>47</sup> Vejam-se os Relatórios dos Inquéritos linguísticos realizados em Azaruja, S. Bento do Mato, Évora, por Maria Manuel Cavaleiro da Costa BRANDÃO, 1967, p. 46 ou Ervosa, Santo Tirso, Porto, por Maria Leonor de Almeida Gonzaga VIEGAS, 1959, p. 57-58, entre inúmeros outros.

alguns exemplos dessa tendência. Grande parte destes usos são ainda hoje observáveis, como o último exemplo referido.

Também a vogal inicial, embora em casos mais raros<sup>48</sup>, pode ter influência na atribuição do género a um vocábulo. A ilustrar esta situação estão, por exemplo, *o* ocasião, *o* opinião, *o* oração e *a* açude, etc., comuns a todas as zonas na linguagem popular e regional.

### b) Criação de femininos analógicos em seres animados

Outros casos podem ser ilustrativos da preocupação já manifesta na língua antiga, em criar femininos analógicos. Assim, geral na linguagem popular e regional é a tendência para a biformização: *capataza*, *chefa*, *comandanta*, *comercianta*, *estudanta*, *infama*, *galinha pedresa*, *genra*, *marida*, *mártira*, *presidenta*, *regenta*, etc. para mulheres; *criaturo*, *madrasto*, *maneto*, *vítimo*, etc.<sup>49</sup>, para homens. Encontramos, então, a par destas formas, mais uma vez, a biformização já patente na língua antiga: *cobardo*, *contenta* e *contento*, *ruda* e *rudo*, etc.<sup>50</sup>. Curiosa é ainda a forma *figuro*, “indivíduo bem vestido”, registada em Trás-os-Montes<sup>51</sup>.

Relativamente às palavras em -nte, mantiveram-se uniformes como em Latim, até ao século XVI, embora já no século XIII se docu-

<sup>48</sup> Como se refere na última parte da citação da nota 44 acima.

<sup>49</sup> Ver os relatórios dos inquéritos linguísticos realizados em Rebordinho, Vouzela, distrito de Viseu, por Fernanda dos Prazeres P. da Costa ROCHA, 1964; no concelho de Almeida, distrito da Guarda, por Maria Manuela Tavares BARRETO, p.27; Monte da Ola, distrito de Viana do Castelo, por Rosa da Conceição Castanho do REGO e em Almalaguês, distrito de Coimbra, por Maria Margarida de Sousa SANTOS, 1972, p. 54.

Ouve-se nos nossos dias, cada vez mais, uma *génia*, «És uma *croma*!» (por *um cromo* que, na linguagem dos mais jovens, pode significar “divertido/a”, “original” “cómico” ou “estranho/a” ou até “demasiado dedicado aos estudos” — mas sem o valor negativo que, na gíria estudantil, tem a palavra “marrão”: aluno que estuda muito mas é pouco inteligente) e também *árbitra* (por duas vezes assim referida pelos comentadores desportivos da RTP 2, por ocasião do recente Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins, realizado em Pontevedra, nomeadamente durante o encontro Portugal-Argentina, ocorrido no passado dia 7 de Julho)

<sup>50</sup> Há um fenómeno de mudança semelhante que se verifica por razões de troça ou com sentido depreciativo: «o *criaturo*», «as *cavalheiras*» (usado, por exemplo, por Eça de Queirós). No entanto, em *contento/contenta*, parece tratar-se de herança das mesmas formas do Latim.

<sup>51</sup> Cf. Vítor Fernando BARROS, *op. cit.*

mentem formas analógicas com -a: *parenta*, por exemplo, era comum nos séculos XIII-XIV<sup>52</sup> e ainda hoje se ouve na linguagem popular por todo o país.

Os séculos XVII e XVIII vão ainda conhecer formas analógicas como *comediante*, *giganta* ou *farsanta*<sup>53</sup>. O exemplo *galinha pedresa* lembra o feminino analógico surgido na segunda metade do século XIII: «cabras *montesas*»<sup>54</sup>.

Por sua vez, a biformização de *rude* (de RUDIS, -E) ocorria já desde cedo na língua, utilizando-a o próprio Camões, ainda no século XVI, n' *Os Lusíadas* («*ruda forca*», II, 65<sup>55</sup>), retomando-se a forma actual a partir do século seguinte. *Contenta* e *contento* podem ser, ou formas analógicas, ou sobrevivência latina (CONTENTU-, -A) ou ainda, nas regiões fronteiriças, influência da língua espanhola.

Semelhante ao Português antigo, e possivelmente também fruto da já referida preocupação de biformização, é a transformação da vogal final dos apelidos femininos. Registam-se, deste modo, e são gerais em todo o país: Manuel Barroso e Maria *Barrosa*, Domingos Coelho e Teresa *Coelha*, e ainda *Contenta*, *Delgada*, *Giroa*, *Leitoa*, *Lourença*, *Martinza*, *Simoa*, *Tínoca*, etc, como acontecia no século XIII, por exemplo (*Pinta*, *Coelha*, se casadas ou filhas de indivíduos de nome Pinto ou Coelho). O mesmo se passa com a modificação da vogal final

---

<sup>52</sup> Entre muitos outros, vejam-se os relatórios dos inquéritos linguísticos realizados em Juízo, Azeve, Pinhel, Guarda, por Maria Assunção Fernandes MORAIS, p. 66 (onde «rudo» e «ruda» têm o sentido de «mal cozido»: «as batatas estão *rudas*» e «os nabos estão *rudos*»); Amiais de baixo, Santarém, por Joaquim António BEJA, p. 24; Quintela de Azurara, Mangualde, distrito de Viseu, por Maria Manuela C. Sequeira OSÓRIO, p. 26-27; Menezes, Torquedas, Vila Real, por Albertina Martins LEVINAS, e as dissertações de João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas* (Coimbra, 1965); Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes* (Coimbra, 1967) e Maria de Fátima de Rezende Fernandes MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (Concelhos de Alandroal, Campo Maior, Eivas e Olivença)* (Coimbra, 1974). Estas duas últimas autoras atribuem a influência espanhola, por exemplo, a forma *contenta*.

<sup>53</sup> *Cantigas de Santa Maria*, 349.3. Edição de Walter METTMANN: «que Deos fillou por *parenta*». Cf. «huma comediante» (Pe. António VIEIRA, *Cartas*, 2, 180).

<sup>54</sup> *Cantigas de Santa Maria*, 52.16.

<sup>55</sup> Edição comemorativa do IV centenário da publicação de *Os Lusíadas*. (Lisboa, Instituto de Alta Cultura 1972).



dos nomes próprios femininos Adelaide, Carmo, Irene<sup>56</sup>, Rosário ou Sameiro, que passam respectivamente a *(A)delaida*, *Carma*, *Irena*, *Rosária* ou *Sameira*, por -a ser a terminação por excelência do feminino<sup>57</sup>. Está aqui subjacente também uma associação mental.

Esta tendência de biformização revela-se, inclusivamente, nos nomes de animais, mesmo nos que são epicenos na língua normal. A linguagem popular e regional apresenta, assim, inúmeros exemplos de palavras deste tipo que ganham uma forma masculina ou feminina: *a corva*, *a gaia*, *a melra* (ou *mérula*<sup>58</sup>), *a moscarda*, *a mocha*, *a pardala*, *a pintassilgo*, *a sapa* e *a torda* ou então *o aranha*, *o cotobio*, *o lesmo*, *o mosco*, *o pulgo*<sup>59</sup>, etc. Já o Português antigo recorria a essa analogia, criando formas como *a gafanhota*, entre outras, e mantendo as formas duplas, quando as palavras eram já biformes em Latim: TAURUS, -I / TAURA, -AE, MULUS, -I / MULA, -AE ou BOUEM / UACCAM, etc.<sup>60</sup>.

Por último, ainda inovação é o feminino analógico de «*judeu*», *judeua*, detectado no distrito de Beja<sup>61</sup>.

<sup>56</sup> Relatório do Inquérito linguístico realizado em Luzença, Real, Castelo de Paiva, Aveiro, por Pedro Fernando Pinheiro BARBOSA, 1971. O autor explica a forma «por analogia com J[o]aquina».

<sup>57</sup> Vejam-se os relatórios dos inquéritos linguísticos realizados em Monte, Tadim, distrito de Braga, por Maria Helena Garcia Braga da CRUZ, 1970, p. 53; Arzila, distrito de Coimbra, por Maria Casimira Almeida MARQUES, 1965, p. 135-136; Vilarinho de Samardã, distrito de Vila Real, por Mário Augusto do Quinteiro VILELA, 1966, p. 101 e segs.; ou Vila Meã, Sobral, Mortágua, distrito de Viseu, por Evelina Pereira da SILVA, 1965, p. 31 (*Ferrazo* por Ferraz), etc.

<sup>58</sup> Mais precisamente *mérrula*, segundo Vítor Fernando BARROS e Lourivaldo Martins GUERREIRO, *Dicionários dos falares do Alentejo*, (Porto, Campo das Letras 2005), para o masculino *merlo*.

<sup>59</sup> Vejam-se, entre muitos outros, os relatórios dos inquéritos linguísticos realizados em Lousa, Moncorvo, distrito de Braga, por Hamilton Augusto Almeida LEBREIRO, 1962, p. 53-55; Agua d' Alte Moledo, Castro Daire, distrito de Viseu, por Maria Natércia Lázaro ORTIGÃO, 1971, 78-79; ou Vilarinho, Cacia, distrito de Aveiro, por Crisanta Augusta R. Soares CARINHA, 1964, p. 27.

<sup>60</sup> Cf. *gato / gata*, *leão / leoa* ou *touro / toura*, *mulo / mula* e *boi / vaca*, entre outros. Em trabalho anterior referi-me a alguns aspectos da história dos nomes de animais: "O género dos nomes de animais em Português: descrição e história". In: *Biblos*.IV (2ª série): *Cidade(s) e Cidadania*. (Coimbra 2006) 381-396.

<sup>61</sup> Inquérito linguístico realizado em Ervidel, Aljustrel, distrito de Beja, por Antónia Moleirinho das NEVES, 1970, p. 50.

De facto, as criações analógicas, detectáveis em toda a linguagem popular, apresentam motivação igual à de outrora, como a associação género/sexo, ou a relação entre género e terminação do vocábulo, que estiveram subjacentes a inúmeras mudanças nesta categoria ao longo da história linguística do Português<sup>62</sup>.

### c) Género diferente face à “norma”

Regista-se ainda um grupo de palavras que apresenta um género diferente do que é “normal” na língua culta, mas que não constitui qualquer tipo de sobrevivência de épocas passadas: somente a tendência de alteração se mantém.

Estão neste caso os seguintes usos: *uma cobertor*, *um nespereiro*, *o anêspro* (a nêspera), documentados no Alentejo<sup>63</sup>, e – ainda na mesma região – *víbaro* ou mesmo *bíbaro* (víbora)<sup>64</sup>.

### d) Influência do contacto de línguas

Não pode ainda esquecer-se a influência que a língua espanhola tem no género de algumas palavras das zonas fronteiriças, devido ao frequente contacto de populações. Este aspecto ilustra como as situações de bilinguismo e contacto de línguas têm (e tiveram, ao longo da história das línguas) influência na mudança linguística. O facto de surgirem, na linguagem popular dessas zonas de fronteira, vocábulos com género divergente do «normal», e semelhante a uma fase mais antiga pode dever-se, precisamente, à proximidade da fronteira. Exemplos dessa influência são, nalguns casos, *o arvo(re)*, *um biage*, *a canal*, *a calor*, *o cor*, *o dor*, *a leite*, *o language*, *a lume*, *a risa*, *a sal*, entre muitos outros<sup>65</sup>, e a forma *apetito*. Esta palavra, aliás, do Latim APPETITU-, tornou-se uniforme só após o século XVI em Português, mas mantém a terminação –o do outro lado da fronteira.

---

<sup>62</sup> Veja-se o que a este propósito escrevi em “O Português popular e regional como “reservatório linguístico” de épocas pretéritas da língua”. In: *Homenagem à Prof. Maria Manuela Delille* [em publicação]. Referem-se ainda outras particularidades da língua antiga presentes na linguagem popular e regional.

<sup>63</sup> Manuela FLORÊNCIO, *op. cit.* 61-2.

<sup>64</sup> Vítor Fernando BARROS e Lourivaldo Martins GUERREIRO, *op. cit.*

<sup>65</sup> Vejam-se os trabalhos de Maria de Fátima MATIAS (*op.cit.*), Maria José de Moura Santos (*op. cit.*), e os Relatórios dos Inquéritos linguísticos realizados, por exemplo, em Cisterna, Queiraz, Vinhais, Bragança, por Telmo VERDELHO, 1965, p. 72 e Vilarinho dos Galegos, Mogadouro, Bragança, por Maria Clara C. PIRES, 1971, p. 42-43.

### e) Associações mentais e psicológicas

Nem só o conservadorismo está patente na linguagem popular e regional, como vimos. Esta variedade apresenta-nos ainda outros aspectos interessantes de total inovação.

Relacionado com a associação, por parte dos falantes, de aspectos linguísticos com a vida real, como a repartição macho/fêmea que se encontra na natureza, está o facto de existirem pares de palavras em que o género funciona como um índice de grandeza (como em *saco* e *saca*, *janelo* e *janela* ou *caneco* e *caneca*, sendo as formas masculinas referentes a objectos mais estreitos e compridos e as femininas a objectos mais largos e curtos, por exemplo<sup>66</sup>). É ainda o caso de *cântaro* e *cântara*, em Trás-os-Montes<sup>67</sup>, em que a forma masculina é maior (e pode ser de barro ou metal) e a feminina mais pequena (e só de barro).

Alguns objectos vêem o seu género modificado em virtude de serem próprios do homem ou da mulher: é a repartição que está na base de pares de palavras como as *peúgas* e *os peúgos*, *as socas* e *os socos* ou *as tamancas* e *os tamancos*<sup>68</sup>.

O mesmo mecanismo, essencialmente semântico, permitiu ainda que a marca de género significasse simultaneamente objectos ou realidades diferentes (como ocorre na norma com *o capital* e *a capital*; *cigarro* e *cigarra*, etc.). Estão neste grupo vocábulos como *gancha* (ancinho) e *gancho* (tipo de enxada), *terriça* (tipo de abelha selvagem) e *terriço* (cova onde os coelhos se abrigam), etc<sup>69</sup>. Noutros casos, existem duas formas, com marcas de género diferentes, mas cujo sentido se não altera: *herdança* e *herdanço*, (herança, bens herdados), *verdasca* e *verdasco* (pequena vara

<sup>66</sup> Para um estudo do género com base em pares de palavras que apresentam oposição semântica entre si, ver Albrecht PABST, *Genuswechsel im Portugiesischen*. (Bonn, Rheinische Friedrich Wilhelms Universität 1961).

<sup>67</sup> V. F. BARROS, atrás citado.

<sup>68</sup> Relatórios dos inquéritos linguísticos realizados em Galisteu, Celorico da Beira, distrito da Guarda, por Maria dos Anjos de Almeida BENTO, 1965, p. 35 e em Alfarela, Celorico de Basto, distrito de Braga, por Maria Isabel Rocha Pinto BASTOS, 1968, p. 51.

O mesmo aconteceu ao longo da história linguística do Português. É o que justifica a feminização da palavra que designa — na linguagem grosseira e obscena — as partes pudendas da mulher, quando etimologicamente era masculina em Latim. Cf. M.C. F. e GOUVEIA, 1993, atrás citado, p. 81.

<sup>69</sup> Exemplos colhidos em V. F. BARROS, *op. cit.*, na região de Trás-os-Montes.

flexível)<sup>70</sup>. Desconheço se neste último caso está subjacente algum tipo de associação tamanho / género, como vimos em cântaro / cântara.

O mesmo tipo de usos ocorre no Alentejo<sup>71</sup>. Constituem vocábulos de sentido diferente *bardo* (divisória entre muros, no concelho de Alandroal) e *barda* (muro de canas ou arames, em Aljustrel), *calhandra* (mulher porca<sup>72</sup>) e *calhandro* (vaso grande de noite); *gaivota* (ave conhecida também por gavião) e *gaivoto* (haste de ferro que segura a direcção da charrua), entre muitos outros. De sentido idêntico, *castelhano* e *castelhana* (faúlha de carvão que, quando arde, estala, por associação com as castanholas usadas em Espanha, e situação esta que revela uma interessante criação expressiva por parte dos falantes), *tropeça* e *tropeço* (banco de cortiça), *vareja* e *varejão*, este aumentativo (pau para fazer cair a azeitona da árvore), entre outros exemplos.

Também uma associação psicológica alterou o género da palavra *febre* (que é geral como masculino na linguagem popular), por se relacionar com *mal*, no sentido de “doença” ou de “*imbida*” (umbigo), por associação com a vida que o cordão umbilical transmite ao bebé enquanto se encontra no útero materno.

### 3. Conclusões

Após a análise efectuada, pode concluir-se que, embora não se possa assumir que todos estes aspectos da linguagem popular e regional constituem sobrevivência de fases mais antigas da língua (com excepção para os casos de *fim* e dos femininos *abóá*, *párvoa* e *soa*, entre outros, como já foi referido), notam-se, contudo, manifestações ou tendências (como a analogia, a influência da terminação, ou a associação psicológica com a natureza e sua divisão em seres machos e fêmeas, as influências estrangeiras verificadas em regiões fronteiriças, as hesitações de género, etc.) que estiveram presentes nas várias fases da evolução da língua, mas que — ao mesmo tempo — podem ainda ser entendidas como inovações.

Parece, de facto, que há efectivamente conservadorismo e tradição na tendência de criar femininos analógicos, de associar género e sexo e de seguir a indicação da terminação ou início da palavra. No entanto, o modo como se processa essa tendência ou o resultado, não antes

---

<sup>70</sup> *Ibidem*.

<sup>71</sup> V. F. BARROS e L. M. GUERREIRO, já anteriormente citado.

<sup>72</sup> Na região de Coimbra tem o sentido de mulher ou pessoa que quer saber tudo sobre a vida alheia.

atestado, desse fenómeno já poderá constituir inovação. Vê-se, assim, que tradição e inovação se completam e interrelacionam de forma íntima no que à categoria de género diz respeito, tanto em estados pretéritos da língua, como na linguagem popular e regional e mesmo na “norma” da língua hodierna, como se pode comprovar pelas palavras em que se verifica uma hesitação ou mudança em curso do género fruto da terminação do vocábulo em causa<sup>73</sup>.

E interessante verificar, também, que, enquanto os femininos arcaicos do tipo *sóa*, etc, são mais frequentes na zona Norte (excepto *párvoa*), por excelência a mais conservadora do território nacional, o género feminino atribuído à palavra *fim* é quase geral em todas as regiões do país, essencialmente quando utilizado em frases do tipo «*a fim do mundo*», e é facilmente compreensível que as frases ou expressões feitas conservem por mais tempo um determinado aspecto mais arcaizante: basta pensar nas expressões «*baixa-mar*» e «*preia-mar*» (também designada por “maré cheia”), perfeitamente normais na língua culta de hoje<sup>74</sup>, e que mostram ainda a sobrevivência de uma época em que a palavra *mar* foi feminina.

Por outro lado, nos casos em que se trata de arcaísmos, é praticamente possível situá-los como oriundos do Português antigo, podendo outros reportar-se aos séculos XV-XVII. Neste último caso, trata-se de um período que serve de transição (usualmente o século XVI é tido como o século em que se pode já falar de «Português moderno») entre a língua arcaica e a língua moderna. São exemplos, entre outros, a não ocorrência de metáfora já referida, que estava já totalmente consumada no século XVI ou a conservação da terminação analógica -eira ainda com muita vitalidade nesse século.

<sup>73</sup> Em artigo anterior (atrás referido, de 2008: 246-247), ao analisar o emprego do género por estudantes do 1º Ciclo universitário, concluí que, no momento presente, há vocábulos a suscitar hesitação e/ou mudança de género. Confirmou-se, assim, a mudança em curso em *grama* (de masculino para feminino), e *síndrome* (de feminino para masculino), bem como em *aluvião* (aqui esmagadoramente masculino em mais de 80 % das respostas). Parece que a terminação (ou ausência dela expressamente em -o ou -a, tradicionalmente associados a masculino e feminino respectivamente) será responsável por estas alterações. Aliás, em *diabetes* e *entorse* há hesitação, mas ainda são maioritariamente femininos, como a norma estabelece.

<sup>74</sup> Embora por vezes deturpado em “*praia-mar*” por desconhecimento do elemento mais antigo, que só na expressão subsiste.

Parece, portanto, poder comprovar-se que o conhecimento da linguagem popular e regional é extremamente útil para quem se propõe estudar a evolução histórica de uma determinada língua, na medida em que ela é sempre reflexo de fases anteriores dessa mesma língua. Sem essa consideração, o estudo ficaria — sem qualquer dúvida — incompleto e menos claro no que a algumas motivações de mudança diz respeito.

Por outro lado, também o conhecimento da história das línguas permite compreender e explicar as particularidades linguísticas encontradas nessa mesma linguagem popular e regional.